A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 12 | Domingo 19 de março | 1893

BARBOSA DU BOCAGE

NATURALISTA por officio e por amor da sciencia. Politico e diplomata por occasião e por amor da patria.

Na cadeira profissional mestre respeitado. No gremio scientifico propagandista incansavel do conhecido, investigador de horisontes novos, afamado entre os especialistas. No parlamento orador fluente, sobrio, mais attento á substancia que ao ornato da dicção. No gabinete estadista previdente, laborioso, resoluto.

No campo da governação, como no do estudo um homem a valer. Porque ao homem, para o ser deveras, já nos grandes theatros do senado ou do *forum*, já mesmo no limitado convivio da aula e do trato social, para apparecer conforme ao modelo proposto por Seneca — *si officia civis amiserit hominis exerceat* — não basta o vigor do intellecto, carece tambem de possuir a força superior do caracter.

Na phisionomia transparente de Bocage não é precisa minuciosa observação para se divisar esse attributo precioso.

* * *

Vão corridos mais de quarenta annos desde que sahimos dos bancos da Universidade. Como vae longe aquella epocha! E se no decurso do tempo é longo o periodo, se das illusões de rapazes ao desconsolo de velhos a distancia é grande, não menor se affigura á observação a differença entre as ridentes esperanças d'então e as melancolicas realidades d'hoje.

N'aquelle tempo a nação emergia das luctas violentas, que acompanharam em Portugal, e geralmente acompanham a iniciação das instituições livres. Renascia em uma nova, limpida atmosphera de pacificação, de conciliação com dignidade, de tolerancia sem debilidade nem suspeitos compromissos. Tudo augurava, n'aquelle advento da maioridade de um povo livre, uma virilidade laboriosa e prospera, robustecidas as forças moraes, e accrescentado o peculio material da patria. Hoje... Arrede-se a vista de quadros, que, por sombrios, podem porventura accusar defeito inherente á edade do pintor — *laudator temporis acti*.

O certo é que em 1851, na perspectiva ridente e attractiva, a mocidade d'então antevia aberto o estadio a legitimas emulações de lavôr e evidencia, e talvez o futuro premio de ambições de bom quilate. Bocage, um dos notaveis entre a geração nova, foi um dos raros recalcitrantes a tentação semelhante.

Sabiam bem os companheiros que a excepção não provinha de egoismo ou fraqueza. Algum tanto de melindres talvez excessivos, muitissimo de indole e propensão fixou a actividade de Bocage no estudo e no professorado, com reserva apenas de limitados ocios para a vida dos salões, e dos mais longos e gratos para o culto da familia. N'esta era onde elle dispendia prodigo o melhor das qualidades affectivas, na doce estima bem paga pela esposa boa de lei, e nos carinhos ao filho recem-nado, no qual pressentia satisfações de orgulho paternal nunca depois desmentidas.

*
* *

Bocage tinha conquistado em concurso a substituição na cadeira de zoologia na Escola Polytechnica, da qual passados poucos annos foi nomeado lente effectivo. O feitio não lhe consentia limitar o desempenho do cargo á regencia regulamentar da aula, expondo theorias correntes, sem o auxilio dos elementos praticos de observação directa, dos quaes então, no ramo zoologico, estava ainda de todo desprovida a Escola. Empenhou-se na dupla tarefa de enriquecer no proprio cerebro o peculio scientifico, e tambem de converter as apenas esboçadas collecções no rico museu, que é hoje um dos primeiros da Europa. É facil de calcular, conhecidos os habitos das estações officiaes portuguezas, a somma de tenacidade dispendida na realisação do proposito.

Ao mesmo tempo, desde os primeiros annos do professorado, artigos escriptos por Bocage publicados em revistas nacionaes e estrangeiras iam concitando a attenção sobre as peculiaridades da nossa fauna. Faltava preencher na sciencia moderna uma pagina em branco, cuja responsabilidade cabia em primeira linha a Portugal — era a descripção da fauna africana, exacta, minuciosa, subordinada ás regras da classificação. As interessantes regiões das ilhas e do continente africano banhadas pelo *mar tenebroso* arrancado aos mysterios e aos temores da lenda pela audacia dos navegadores portuguezes, nos seculos 14.° e 15.°, sob o influxo do grande Infante — essas regiões eram ainda no seculo 19.°, senão já um terror, um mysterio quasi para o zoologo.

Bocage mediu a importancia de tal divida nacional; e poz peito ao pagamento. Obteve do Visconde de Sá subsidio ás explorações perseverantes no sertão africano do valente Anchietta, secundado depois por Bayão, Pimenta, Brandão Ferreira e Francisco Newton. Illustra-se agora já a lista d'esses trabalhadores emeritos com os nomes laureados de Capello, Yvens, Serpa Pinto e Cardoso.

Valiosos elementos de estudo colhidos no terreno acham-se coordenados em investigações laboriosas altamente apreciadas na imprensa scientifica estrangeira. A fauna portugueza e especialmente a da Africa occidental constitue hoje uma copiosa riqueza nova nos fastos zoologicos. N'este relevante serviço cabe, sem duvida, a Bocage o papel proeminente e o impulso directivo. D'isto dão testemunho os dois grossos volumes da Ornithologia de Angola e numerosas publicações no jornal da Academia Real das Sciencias, cuja reputação na especialidade tem subido a primeira linha com os escriptos do sabio professor coadjuvado pela collaboração intelligente de Paulino de Oliveira, Felix Capello e outros não menos distinctos obreiros da sciencia.

*
* *

Em tal faina e propaganda, no convivio dos livros e dos predilectos mammiferos, aves e reptis andou embevecido Barbosa du Bocage; e já contava mais de meio seculo de edade, sem curar de politica, nem se envolver em seus meandros e enredos, quando, em 1878, um acaso qualquer imprevisto e não requestado lhe trouxe ás mãos um diploma de deputado por Montemor do Alemtejo. Ninguem, pois, póde affirmar que se manifestasse temporã a impaciencia dos eleitores, e menos a de quem se encarrega de os educar no exercicio do suffragio, em metter o eximio professor dentro da arena, onde, segundo resa a constituição está erecta a fabrica das leis.

Porém chegou emfim; e chegou como Cesar; viu e venceu... se é vencer investirem-n'o de prompto no pariato vitalicio, e galgar curtos annos depois ás alturas do poder. Sob a presidencia de Fontes foi Bocage ministro da marinha e ultramar, e logo dos negocios estrangeiros.

Ministro essencialmente technico durante tres annos, curando pouco da politica caseira, embora companheiro leal e observador stricto das imposições da solidariedade, nunca por si suscitou grave reparo por parte das opposições; antes mais de uma vez lhes conquistou o assentimento, já no regimen das colonias, já na defeza dos direitos nacionaes em negociações espinhosas. Seja exemplo a questão do Congo e a conferencia de Berlim, da qual, apesar de desajudados, sahimos sem desdouro; e senão fomos alli plenamente confirmados no direito historico ganho n'aquellas paragens pelo famoso Diogo Cão, ao menos accrescentou-se o nosso real, effectivo dominio africano até á margem do grande rio, d'onde antigas e prepotentes intimações britannicas nos haviam tenazmente arredado.

Obra foi aquella — a do Congo — de pôr em tela de experiencia o merito do ministro dos negocios externos e tambem do das colonias, sem esquecer a coadjuvação intelligente e zelosa dos agentes de ambos. Convem recordal-o n'estes tempos, em que o impressionismo indigena, transitando com ligeireza nimia do luxo da prodigalidade ao furor da parcimonia, reclama o ermo ou o jejum para a diplomacia portugueza, por expiação do pecado de futilidade; como se mais que os outros os pequenos Estados não carecessem inevitavelmente de bom e sagaz serviço diplomatico, o qual é tanto mais efficaz quanto menos se revela á luz, e deixa na sombra perigos e males que poude conjurar.

*
* *

Outra provação, porém, aguardava a pericia diplomatica de Bocage, provação mais dura e temerosa, pois que a crise internacional entranhava em si a mais terrivel crise interna.

No ultimo quartel de 1890 o coração da patria gotejava sangue. A affronta do *ultimatum* de 11 de janeiro, não lavada nos resultados desproporcionados ás esperanças d'uma negociação de mezes, alastrava no sentimento publico. Alternava o desanimo com o furor. Dilacerava-se em convulsões o seio da patria. Fugiam os partidos impotentes e timidos deixando o leme abandonado nas mãos do chefe do Estado. Ninguem se sentia com animo de governar, e poucos consentiam em ser governados. A crise ministerial prolongava-se por semanas, e a crise nacional denunciava symptomas de terminação fatal. A anarchia nos espiritos pressagiava a anarchia nas praças. Pressentia-se o estertor nas vascas em que se agitava o velho Portugal.

Conseguiu por fim o velho, honrado general Abreu e Sousa congregar alguns homens de boa vontade, e formar gabinete. Poz o dedo para a gerencia dos negocios externos em... José Vicente Barbosa du Bocage.

O que foi para elle em sete mezes de *poder* aquella *via crucis*... não vem para narrar-se aqui. Requeria volumes a chronica de tantas noites desveladas em delinear planos, concertar esforços, reprimir impetos, cumular argumentos, conciliar vontades alheias e manter a propria na luz serena da rasão e na decisão da energia sem quebrantos e tambem sem paroxismos. Que leiam as dôres d'aquelle martirio os que sabem ler nas linhas e entrelinhas do livro branco. Que as lembrem os que por dever e officio de certo modo foram Cyreneus, como o auctor d'estas linhas, embora d'aquelles que menos sopesaram a cruz, por ter campo de operações, contra as ciladas e arrogancias da novissima Carthago, na terra sympathica, onde nunca perece a tradição da *hidalguia castellana*.

Não cabe aqui dissertar sobre se o tratado de 1891 foi um exito. Tenho-o por evidente; e não tanto porque sommou ao dominio portuguez alguns territorios ao norte do Zambeze, e eliminou toda a especie de condominio na Africa occidental, como porque o precedeu uma negociação correctissima. É essencial em diplomacia conhecer a indole psycologica d'aquelle com quem se trata. John Bull é um forte, não um delicado; mais utilitario que jurisperito. Vale mais perante elle uma attitude firme, um tanto altiva, quasi petulante de quem sabe sobrar-lhe a razão offendida pela força, do que a submissão do cliente ou a arguicia do letrado. Era d'este parecer, e sabia pol-o em obra o Conde de Lavradio, que admiravelmente nos representou em Londres. Se, abertos os archivos do ministerio dos estrangeiros, se cotejar um dia a correspondencia de Bocage com a do Conde de Lavradio, encontrar-se-hão analogias de methodo primorosas para qualquer dos dois.

O tratado de junho de 1891 foi sobretudo um exito... em pôr ponto final nas consequencias do conflicto, em calmar a perigosissima excitação nacional. Que seria de nós se tal estado morbido se prolongasse e viesse cumular-se com a dolorosa crise economica que se seguio?!...

*
* *

A consciencia do auctor teve de que ficar satisfeita. Não affirmarei que o galardoou condignamente a gratidão unanime dos conterraneos.

A galhofa indigena alcunhou os ministros do gabinete Abreu-Bocage... com o neologismo de *nephelibatas*. Nunca poude perceber se n'essa transferencia do titulo primitivamente conferido a certa modernissima escola poetica, quiz significar malicioso sorriso, em mofa de todo e qualquer culto idealista, comprehendendo o da patria; ou se apenas por antifrase deu em chamar nebuloso o que é claro e diafano, como um sereno meio dia de verão — um leal e prestimoso serviço ao Rei e ao povo.

O que eu creio é que Bocage não se preoccupou em decifrar a charada. O que sei é que voltou risonho ao conchego do lar, ao trato dos livros, e á quotidiana visita á sua querida bicharia do museu. Chego até a suspeitar que á força de habito e experiencia, elle encontra bastas vezes maior proveito e deleite em companhia de bichos empalhados que na de homens vivos.

CONDE DO CASAL RIBEIRO.

POLITICA SEM POLITICA

Um jornal noticiava hontem, que, para substituir o dr. Pinto Coelho, a Companhia das Aguas procurava obter para a sua presidencia o concurso de um alto politico, o sr. José Luciano, ou o sr. Dias Ferreira. E estranhava e lamentava o facto.

Lamentavel, é; estranhavel, não.

É lamentavel, por que de ahi se deprehende que n'esta terra não vale, nem a razão, nem a justiça das coisas, mas apenas sim a influencia das pessoas. Mas desde que assim

é, deixa de ser estranhavel, que aquelles que teem legitimos interesses a defender os acolham á protecção das influencias que melhor lh'os podem salvaguardar.

Pinto Coelho, sem influencias politicas, e só com a justiça pelo seu lado, a sua tenacidade de acção e o seu enorme e eloquentissimo poder convincente, conseguiu defender sempre, e pela forma brilhante e efficaz que se sabe, os interesses e prosperidade da Companhia que tudo lhe deve; mas, além de que não ha outro Pinto Coelho com aquelle admiravel conjuncto de qualidades de intelligencia, de caracter e de energia, a verdade é que elle consumiu muitas vezes annos e trabalhos, onde, se fôra um *politico*, em muita coisa, justiça lhe teria sido feita n'um minuto com uma simples palavra de um ministro.

Infelizmente, mesmo para as administrações mais honestas, as influencias politicas (fallamos tambem das honestas) estão sendo indispensaveis, pois aquelles que se propõem dispensal-as teem que luctar com irreductiveis más vontades officiaes, tantas vezes contrarias á mais flagrante justiça.

*

Em correlação com este assumpto, mas já no dominio da pathologia social, ha no publico tambem esta ideia, que são os financeiros que corrompem os politicos.

Por vezes assim será, mas quantas vezes é o contrario!

No *processo do Panamá*, por exemplo, verificou-se que não foi propriamente a Companhia que corrompeu os politicos, mas estes que a corromperam a ella.

Honra, em todo o caso, aos que sabem resistir aos *maitres-chanteurs*, de todas as especies e tamanhos!

Impoliticus.

Ha uma unica maneira de se ser feliz pelo coração: é não o ter.

PAUL BOURGET.

CHRONICA ELEGANTE

Sexta feira. Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia convidou S. M. El-Rei e S. M. a Rainha e os dignitarios do Paço a assistirem a uma festa intima, que se realisou nos seus aposentos particulares do palacio real da Ajuda.

As salas, alem dos preciosos objectos que as guarnecem, achavam-se, n'aquella noite, adornadas com magnificas plantas exoticas, dispostas artisticamente, segundo as ordens da augusta senhora.

Sua Magestade a Rainha a sr.ª D. Maria Pia trajava uma elegante *toilette* de seda *brochée lilas*, guarnecida a perolas da mesma côr; Sua Magestade a Rainha uma formosa *toilette* de setim branco bordado a perolas, adornando o collo e os cabellos com magnificas estrellas de brilhantes.

A convite da sr.ª D. Maria Pia, assistiu á festa a gentil cantora Regina Pacini, que se apresentou com uma linda *toilette* de seda *damassée* branca, guarnecida de velludo verde.

A insigne *prima-dona*, acompanhada ao piano pelo *maestro* Bimboni, cantou uma aria da *Filha do regimento*, da *Semiramis*, da *Flauta magica*, do *Hamlet* e a cavatina e aria final do 1.º acto da *Traviata*. Todos estes trechos mereceram os mais calorosos applausos, e tanto a Rainha sr.ª D. Maria Pia como a Rainha dirigiram á sympathica artista todos os elogios, encarecendo-lhe os seus reconhecidos meritos.

Assistiram á festa as sr.ªs:

Marqueza do Funchal, Condessas da Ribeira, de Sabugosa, de Bertiandos, de Mossamedes, de Seisal, Viscondessa d'Asseca, D. Eugenia Telles da Gama, D. Eugenia Lapa, D. Mathilde de Pindella e D. Maria Domingas Belmonte.

A *soirée* terminou depois da meia-noite.

FOLHETIM

AQUELLA CASA TRISTE...

(1872)

I

A casa grande das quinze janellas branqueja no espinhaço do monte.

As janellas fecharam-se ha seis mezes, ao mesmo tempo que duas sepulturas se abriram.

A sepultura do *Africano* que chagava ao cemiterio, quando a filha expirava; e a sepultura de Deolinda, quando o sino dobrava ainda nos funeraes do pai.

Ao homem, que morreu n'aquella casa triste, chamavam o *Africano*.

Estou-a vendo d'aqui.

As vidraças reberveram o sol poente.

Eu, ha hoje dez annos, vi abrir os alicerces d'aquella casa.

Lidavam operarios a centenares.

Entre os alveneis estava um sujeito, na pujança dos annos, magro, macilento e tostado pelo sol da Africa.

Disseram-me que era homem muito rico, e viera do cabo do mundo e se chamava o «Duque» por appellido, e o *Africano* por alcunha.

Avisinhei-me d'elle com o semblante risonho de cortezias para lhe perguntar como ia, em monte assim agro e ermo, fabricar edificio tão grandemente cimentado.

Respondeu que tinha em Benguela uma filha, com quem andára viajando na Suissa. E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gothard, lhe dissera que seria feliz se morasse no topo d'uma montanha, em casa imitante de outra onde pernoitára, e d'onde vira levantar-se o sol do seu leito de neve.

E elle, pai extremoso, rico e saudoso da patria, disse á filha que, por cima da casinha onde nascera, em um outeiro do Minho, sobranceava um alto monte, golpeado de regatos que derivavam por entre arvoredos fresquissimos.

E a filha, cingindo-se-lhe ao pescoço, exclamara:

— E quando vamos?

— Irei fazer a casa no alto do monte, e depois irás tu, e levaremos para a capella os ossos de tua mãe. E eu descançarei d'esta labutação em que pude grangear mais que o preciso ao teu passadio, visto que preferes a viver em Paris uma casa nas serras de Portugal.

E sahiu de Benguela, provido de dinheiro para edificar o ostentoso *chalet* que a filha phantasiára.

Ora, os architectos do Minho, como não percebessem a planta do *Africano*, construiram-lhe um palacio aldeão, especie de dormitorio monastico, um leviathan de granito zebrado de vidraças enormes e portas alterosas.

Perto d'alli, na outra lombada do mesmo outeiro, está o antigo solar torreado dos senhores de Farelães.

E eu que, n'aquelle tempo, me embrenhava nas ruinarias grandiosas do paço senhorial de Ruivães, a decifrar a lenda meio historica dos Corrêas de Sá nos frescos do tecto apainelado, ao perpassar pelas grossas cantarias do *Africano*, dizia entre mim: «O palacio cavalleiroso que desaba, e o palacio industrial que se levanta. Aquelle recorda as manhas

Como succede sempre quando se aproximam os dias de recolhimento e de piedade da semana santa, suspenderam-se por algum tempo os alegres *five-o'clock-tea* e as encantadoras *soirées*, que animavam os elegantes salões da nossa sociedade.

A chronica d'esta semana só póde referir-se á partida de *lawn-tennis* do sr. Bernardo de Pindella, que foi muito concorrida, e na qual se reuniu um grupo escolhido das mais distinctas e mais elegantes senhoras da aristocracia e do corpo diplomatico. E quer nas salas, guarnecidas com o mais requintado gosto artistico, quer no jardim, onde a amenidade do dia convidava a permanecer, se passaram deliciosamente algumas horas, n'uma conversa adoravel, e com todos os encantos da graciosa amabilidade, que a gentil dona da casa prodigalisa sempre ás suas visitas.

— Mas como se suspendessem as *matinèes* habituaes da semana, a sociedade elegante deu-se *rendez vous*, na quarta-feira, nos salões da Academia de Bellas Artes, onde se realisou a exposição annual de pintura e esculptura.

Era enorme a affluencia de visitantes á exposição. Como nos annos anteriores, na sala d'entrada, que appareceu d'esta vez guarnecida com soberbos pannos d'Arrhas e magnificas plantas decorativas, uma orchestra, dirigida pelo *maestro* Gaspar, executou um escolhido e variado reportorio, durante o tempo em que os salões estiveram abertos.

Talvez não venha a proposito falar aqui do merito dos trabalhos expostos; não devemos comtudo deixar de referir que a impressão geral da exposição é pouco lisongeira para os nossos artistas. Como nos annos antecedentes, é ainda S. M. El-Rei quem se distingue d'entre os outros expositores, com uma linda paisagem do Ribatejo, primorosamente feita a *pastel*. E este trabalho, sendo de um amador e sobresahindo pelo primôr da execução, revella, no confronto, uma triste defficiencia no talento e nas aptidões dos nossos artistas de profissão. São rarissimos os quadros de valor. A sua maioria manifesta uma condemnavel falta de cultura intellectual, uma sensivel mesquinhez de concepção, de observação e acanhamento no modo de executar.

Parece que os nossos artistas, longe de progredirem e de se estimularem com o acolhimento e interesse do publico, se comprazem em não estudar e em não trabalhar, talvez illudidos e desvanecidos com a opinião de certos amigos, dos quaes, uns por ignorancia, outros por demasiada lisonja, lhes apreciam favoravelmente os trabalhos, na intimidade dos *ateliers*.

E é lamentavel que assim succeda, quando é reconhecido que o publico, de anno para anno, se ia mostrando mais disposto a admirar e a proteger com interesse e sympathia os nossos pintores e esculptores.

Eis o nome dos expositores no *salon* d'este anno:

Além de Sua Magestade a Rainha, expõem as seguintes sr.as: D. Laura Sauvinet, D. Emilia dos Santos Braga, D. Adelaide Camacho, D. Maria Camara, D. Guilhermina Costa, D. Adelaide Fernandes, D. Josepha Greno, D. Antoinette Groell, D. Luiza Guedes (Almedina), D. Cassilda Girão, D. Maria de Magalhães, D. Margarida Mayer, D. Fanny Munró, D. Maria Candida das Neves, D. Maria Nobre, D. Clementina Ogando, D. Bertha Ortigão Ramos, D. Germana Rodrigues, D. Laura Santos e D. Virginia Santos.

E os srs.: Visconde de Athouguia, Bandeira, Julio Bastos, Correia Brandão, Marçal Brandão, José de Brito, João Cabral, Joaquim Cardoso, Condeixa, Felix da Costa, Antonio José da Costa, Dantas, Santos Diniz, Freire, Galhardo, Gil, Greno, Marques Guimarães, Girão, Malhôa, Arthur May, Arthur Mello, Thomaz Mello, Hygino de Mendonça, Isaias Newton, Marques de Oliveira, Ezequiel Pereira, Candido Pereira, Torquato Pinheiro, Silva Porto, Prata, Queiroz, Quintella, Ramalho Junior, Adolpho Rodrigues, Velloso Salgado, Conceição Silva, Almeida e Silva, João Vaz, Jayme Verde, Rodrigues Vieira e Carlos Xavier.

Em aguarella são expositores os srs.: Ribeiro Arthur, Gameiro, Martinez e Nowach. Em guacho o sr. Sobral. Em gravura de medalha o sr. Cassiano Maia e em pintura em ceramica a sr.a D. Angelica Loureiro.

Em esculptura os srs: Alberto Nunes, um bello grupo a *Mocidade;* Moreira Rato, dois bustos de creança, e um grande medalhão, retrato do sr. Sobral para o seu tumulo; Motta e Fuller.

GRAZIEL.

epicas do peito illustre lusitano, a industria da lança que atirou da India para alli, na ponte ensanguentada, a pedraria dos reis de Chaulde Calecut e Mombaça. Ergue se o novo palacio para assignalar á posteridade que o peito moderno lusitano é ainda illustre e emprehendedor, differençando-se do antigo sómente no que vai entre adaga e azorrague, entre acutilar o indio pela frente, ou verberar o ethyope pelas costas.»

Mas eu não sabia se aquelle homem, tão entranhadamente pai, amealhára os seus haveres por entre os perigos do cruzeiro. Talvez que não. A riqueza não é sempre o estipendio generoso dos homens crueis. E, em coraóçes afistulados por peçonha de cubiça — sêde execravel que se apaga em lagrimas — não cabe o exaltado e santissimo sentimento do amor paternal. Quem chora por um filho não tem olhos que vejam, enxutos, arrancar escravos dos braços de suas mães. Verdade é que os praticos d'estes ultrajes a Jesus — ser divino em que Deus se manifestou no mais elavado grau da consciencia humana — dizem que lá, nas cubatas, não ha mães, nem filhos: ha individuos bestialmente rebanhados, e inconscientes de laços de familia. Se assim é, meu Deus, porque não déstes á vossa creatura de epiderme negra o amor maternal que dulcifica as meiguices da hyena enroscada nos filhos?

Aprumadas as paredes, delineados os repartimentos, os patins, as portas, a capella e o jardim, Duque, o *Africano*, saudoso da filha, deixou a obra em meio, e dinheiro de sobra ao seu feitor, pautando-lhe que, no prazo de doze mezes, a casa estaria feita.

E voltou a Benguela, onde tinha centenas de escravos, armazens de café, de marfim, de gommas, e as suas vastas sementeiras sobre dez leguas circulares de terra, onde o suor da pelle fusca, porejado pelo sol a pique, era um como adubo forte, um guano de sangue estillado por entre febras vigorosas e distendidas pelo latego.

Vendeu as fazendas, enfeirou as bestas e os negros, abarrotou a galera de carregação sua, esquipou a tolda, decorou de frouxeis de sêda o camarim da filha, e proejou á patria. Parecia um dos antigos visoreis que voltavam da India, d'uns que não se chamavam João de Castro nem Affonso de Albuquerque.

— Vale duzentos contos a carga da *Deolinda!* — diziam os amigos do *Africano*, quando as velas da galera, chamada com o nome da filha de seu dono, trapeavam bafejadas por aprazivel briza.

A navegação, por perto da costa, e sempre ajudada por prosperos ventos, correu alegre e descuidosa de receios.

Deolinda deleitava-se a remirar a prata das ondas espumantes, ou enlevada em leituras amenas, passava as tardes na tolda, em quanto não chegavam os seus amores mais queridos, as estrellas do céo e as phosphorescencias do mar.

Ella era mulata, e bella quanto cabe ser, com a face beijada por aquelles raios ardentes e o sangue escaldeado das lufadas do deserto — mulata, com as feições levemente denunciativas da raça materna, quasi tirante a esmaiado amarellido, um bem harmonisado conjuncto de graças, avantajadas ao que se diz belleza, debaixo d'este nosso céo de rostos niveos, sangue pobre, e epiderme alvacenta.

(Conclue.)

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Anniversarios da semana

Domingo 19 — As sr.as: D. Maria José de Bragança, D. Maria Helena de Portugal de Faria, D. Maria José de Portugal e Castro, D. Leonor Moore de Noronha, D. Sophia Pereira Alves de Sousa Guimarães, D. Julia dos Santos Nunes de Carvalho, Mathilde Augusta Zaluar.

E os srs.: D. José Leite de Sousa, José Carlos Relvas Casqueiro, Diogo Roberto Higgs, Cosme da Cunha Cabral, José Quaresma da Costa Monteiro.

Segunda-feira 20 — As sr.as: Baroneza do Vallado, Baroneza do Cercal, D. Maria Eduarda de Figueiredo, D. Maria Amalia de Gouveia Faria Blanc, D. Anna da Piedade Coelho Villas Boas.

E os srs.: D. Jorge de Menezes, Martinho de Azevedo Coutinho, Carlos O'Neill, José Maria de Serpa Pinto, José de Ornellas Cysneiros, José de Barros Lima, Fernando Victor Daupiás.

Terça-feira 21 — As sr.as: D. Maria Ignacia de Lemos, D. Maria do Carmo da Costa Guerreiro de Amorim, D. Maria Avellina Rebello d'Andrade, D. Maria de Assumpção Ferreira Pinto Basto.

E os srs.: Manuel de Oliveira Pinto da França, João Chrysostomo Melicio Junior, Raphael Bordallo Pinheiro.

Quarta-feira 22 — As sr.as: Viscondessa de Alemtem, D. Maria da Costa e Silva (Ovar), D. Maria Emilia de Saldanha, D. Maria do Carmo de Carvalho Rebello Mimoso Teixeira de Sousa, D. Maria da Conceição de Amaral Castello Branco, D. Maria Innocencia Rebello Valente, D. Maria das Dores Ribeiro de Faria (Barros Lima), D Sophia Adelaide de Serpa Pimentel Ferreira, D. Dolores Serzedello Yglesias.

E os srs.: Conde de Caria, Barão da Varzea do Douro, Eugenio de Freitas Bandeira de Mello, Dr. Ezequiel de Sousa Sá Prego.

Quinta-feira 23 — As sr.as: D. Maria Domingas de Mendonça, D. Maria do Carmo Forbes Magalhães, D. Margarida Braamcamp, D. Mathilde da Costa Sequeira, D. Felicia Breton y Vedra.

E os srs.: Barão d'Oliveira, Eduardo Falcão, José de Sousa Menezes, Constant Burnay.

Sexta-feira 24 — As sr.as: D Anna Corrêa Pinto de Carvalho, D. Constança de Sousa Quevedo Pizarro (Bobeda), D. Eugenia Izabel Soares Brandão Cordeiro Lobo, D. Maria José de Freitas Oliveira, D. Maria de Andrade Bastos, D. Maria Rozalina d'Albuquerque, D. Maria do Sacramento da Veiga Mesquita e Castro.

E os srs.: D. Pedro de Lencastre (Alcaçovas), Antonio Arnaldo Almeida Tovar Guimarães (Bulhão), Manuel Ferreira Pinto Basto, João de Sousa Pinto Magalhães, José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, Dr. José Maria Holbeche de Oliveira Trigoso, Antonio de Portugal de Faria, José Maria Xavier de Almeida Garrett.

Sabbado 25 — As sr.as: Marqueza de Rio Maior, D. Anna Francisca de Carvalho Gorjão, D. Maria Sophia Schiappa Pietra, D. Maria do Ceu da Silva Mendes, D. Maria Frederica de Faria Quintella Emauz, D. Maria de Menezes Pessoa de Amorim, D. Maria José Machado de Sousa e Silva, D. Catharina Amelia Santos.

E os srs.: Conselheiro José Gabriel Holbeche, Alfredo O'Neill, Henrique de Sampaio, Dr. Daniel Cardoso de Girão, Affonso de Castro Monteiro.

MODAS

Folhos e mais folhos é a novidade desta estação. As nossas saias terão folhos, haverá folhos nos hombros, e até mangas todas feitas de folhinhos.

Estas mangas não são nada bonitas, mas são uma renovação d'uma moda antiga, e as renovações são a *mania* da moda actual. Estimariamos dizer que são renovações do que tem havido de mais bonito, mas não estamos certos d'isso.

Por exemplo, depois de serias considerações sobre as vantagens e desvantagens da saia com muita roda, que tem dado materia para tanta controversia, sômos forçados a chegar á conclusão que se adopta sempre o que menos convem. A primeira objecção que nos occorre é a grande despeza que traz; a quantidade de fazenda que absorve mette medo, em segundo logar é pezada, em terceiro é a causa de se tornar indispensavel a saia falsa que não devia resuscitar; além d'isso fica muito mal a quem é grossa, pois, na verdade, a fartura das saias só fica bem quando partem d'uma cintura delicada, ficando, necessariamente muito melhor ás senhoras altas de que ás baixas.

As confecções de primavera serão em forma de capas, como este inverno, chegando de preferencia só á cintura, e feitas quasi no mesmo estylo do que as saias novas, estreitas nos hombros e muito largas na base, formando pregas fundas. As mais elegantes são inegavelmente as de setim preto, em quanto que outras feitas de veludo de côr clara guarnecidas de vidrilhos, teem o seu encanto, e tambem as de panno lizo, sem enfeite algum, teem a sua elegancia.

O vestido, forma *tailleur*, continuará a apparecer, servindo a sua simplicidade d'agradavel contraste com todas as outras formas e feitios; pois é na verdade um allivio ser um vestido singello e com mangas de tamanho regular, e é d'esperar que os alfayates se não deixem arrastar pela extravagancia da moda actual a destruirem o principal encanto do seu *genero* lançando-se nos enfeites e nas complicações.

No que toca a combinações de côres, a mais uzada agora é a da côr de castanha com o verde. Vimos um vestido feito com essas duas côres entremeadas dando excellente resultado.

Saia e corpo d'um verde musgo claro, a parte de cima das mangas e os *revers* de veludo côr de castanha, á roda da cintura, um enfeite d'applicação da mesma côr, e na base da saia um folho estreito tendo no pegado igual guarnição.

Quereriamos falar dos chapeus, mas não cabe n'estes limites descrever as innumeras combinações que se fazem com flôres e plumas para pôr no alto da cabeça! Limitamo-nos a indicar que começam a apparecer capotas de palha de côres, sendo preferidos todos os tons roxos.

GIL-BERTA.

EPHEMERIDES SEMANAES

12 — Reune no Paço das Necessidades, sob a presidencia d'El-Rei, a assembléa geral da Associação dos Albergues Nocturnos de Lisboa.

13 — Toma posse do commando das guardas municipaes o sr. coronel Queiroz.

— Sarau em S. Carlos, em beneficio dos estudantes pobres.

14 — Jantar de gala no paço da Ajuda, para solemnisar o anniversario natalicio de S. M. Humberto I.

— O *Diario do Governo* publica o decreto nomeando uma commissão d'inquerito sobre as condições do regimen monetario.

15 — Inaugura-se a exposição do Gremio Artistico, assistindo SS. MM.

— É posto á venda o novo livro *A Suissa*, obra posthuma do antigo collaborador do *Jornal do Commercio*, Arnaldo d'Oliveira (Alfredo d'Oliveira Pires).

16 — Installa-se a commissão incumbida de liquidar os direitos de mercê em divida.

— Desembarca em Lisboa o preso Angelo Garcia Ramos, que durante a sua viagem do Brazil para aqui se fizera passar por morto.

17 — O *Diario do Governo* publicou o decreto nomeando os juizes que teem de proceder ás execuções fiscaes administrativas em todo o reino.

— Installam-se a commissão de inquerito monetario e a incumbida de liquidar os direitos de mercê em divida.

— Parte para Elvas o sr. general Francisco Maria da Cunha, a fim de syndicar da manifestação feita por alguns officiaes de artilheria 5, offerecendo um jantar ao capitão Gorjão.

18 — O *Diario do Governo* insere um decreto determinando que os navios de guerra em serviço nas provincias de Cabo Verde e Guiné constituam uma estação naval independente da divisão de Africa occidental.

— O sr. ministro da guerra prohibe um jantar que a officialidade de cavallaria 4 offerecêra hoje ao sr. coronel Queiroz, com prévia auctorisação do commandante da divisão.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

A sr.ª Arkel e o tenor Metellio obtiveram merecidos applausos nas duas vezes que cantaram a *Hebrêa*. Qualquer d'estes dois artistas revellaram mais uma vez que não possuem apenas qualidades excellentes de voz, mas que, a par d'esses dons, teem um profundo conhecimento da arte musical e sabem dar a verdadeira interpretação aos papeis que representam.

*

D. Maria

Vae na setima representação a encantadora comedia em 3 actos — *Os velhos*, do sr. D. João da Camara; e, comquanto a critica lhe não tenha sido inteiramente favoravel, não lhe têm faltado os merecidos applausos do publico. É que esta comedia tem incontestavel valor, e se lhe faltam — como certa critica exige — grandes lances commoventes, tão delicada é a sua contextura, tão bem observados são os typos que nos representa, tão verdadeiro é o dialogo, que o conjnncto d'estas preciosas qualidades litterarias suppre perfeitamente o resto. Mas ainda que *Os velhos* não tivessem attrahido ao theatro uma grande concorrencia d'espectadores, nem por isso diminuiria o seu valor. É uma obra muito bem escripta; e esta superior qualidade que alguns querem collocar em segundo plano, ha-de manter sempre a peça de D. João da Camara entre as obras dramaticas de mais reconhecido merito. Lá o diz Alexandre Dumas, filho:

«Uma obra dramatica deve sempre ser escripta com o mesmo esmero como se fosse feita para ser lida. A representação é apenas uma leitura feita por muitas pessoas ás que não querem ou não sabem lêr. É por os que vão ao theatro que a obra vinga, é por os que lá não vão que ella se affirma. O espectador fal-a conhecida, o leitor fal-a duradoura. A peça que não provocar desejo de ser lida antes de ser vista, nem de ser relida depois de lida, é uma peça morta, ainda que tenha tido mil representações seguidas.»

Teem accusado a comedia de D. João da Camara da falta sensivel da acção. Mas a acção é um elemento essencial na tragedia, e não póde com egual direito exigir-se na comedia, que tem por fim estudar e apresentar caracteres.

É possivel que uma parte do publico que frequenta theatros e cujo gosto tem sido um pouco derrancado com o espectaculo de peças desprovidas de todo o valor litterario, escriptas, não por mãos de artistas, mas por qualquer *boniment de faiseur de tours*, não reconhecesse na comedia — *Os velhos* — a delicadeza encantadora com que está pensada e escripta. Mas o mesmo não deveria ter succedido a quem, por ter o espirito culto e o gosto apurado, em vez de seguir, tem o dever de conduzir a opinião, sem se importar muito com as preferencias especiaes de certas plateias.

E apesar da sua comedia não ter conquistado os mesmos ruidosos applausos que tiveram n'outros palcos o *Burro do sr. Alcaide* e o *Solar dos Barrigas*, em que D. João da Camara collaborou, perguntem ao auctor qual dos trabalhos prefere, a qual se entregou com mais amor e com mais talento, e verão que as ruidosas palmas e as gargalhadas continuas que provocaram estas duas peças, não valem, para a sua consciencia d'artista, o mais singello applauso que se faça aos *Velhos*.

O desempenho foi primoroso, principalmente por parte de Rosa Damasceno, Emilia Candida e João Rosa, que mais uma vez affirmaram o seu talento, na interpretação que deram aos seus respectivos papeis.

O scenario e a *mise-en-scène* são dignos de elogios.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

SPECTATOR

Typ. Christovão—R. de S. Paulo, 60 e 62.

Bolsa semanal de Lisboa

Designação dos valores	Ultimas cotações anteriores	DE 13 DE FEVEREIRO A 18 DE MARÇO 13	14	15	16	17	18
Inscripções externas	27.80	27.90	27.90	28.28		27.90	27.90
» internas	29.80	30.30	30.30	30.30	30.30	30.	30.
» » ass	30.80						
» » ass	30.50						
» » ass	29.80	30.	29.90	30.	30.	29.20	29.90
» » coupon	28.21						
» » coupon	30.50						
Obrig. do Governo de 1888	13.700	13.600	13.600		13.700	13.600	
» » » » 1888 e 1889, ass.	39.000					39.500	
» » » » » » coup.	33.800	33.900		34.700	34.700	34.500	
» » » 1890	30.500			30.300		30.000	
» » » » com gar. dos Tab.	79.900				80.500		
» » Banco Nacional Ultramarino	70.000						
» » » » »	90.000						
» da Comp. das A. de Lisboa, ass.	63.000						
» » » » » » » coup.	59.000	58.000					
» » » de Fiação de Thomar	74.000						
» » » do Gaz do Porto	66.000						
» » » Ger. Cred. Pred., ass.	90.000			90.000	90.000	90.000	90.000
» » » » » » ass.	87.000						
» » » » » » ass.	80.000						
» » » » » » ass.	72.000						
» » » » » » coup.	90.000						
» » » » » » coup.	87.500						
» » » » » » coup.	69.000						
» Municipaes ou Districtaes	89.500						
» » » » ass.	83.000						
» » » » ass.	73.000	73.000					
» » » » coup.	83.000						
» R. C. F. Atr. d'Africa	38.000		39.000		39.000	39.500	
» » » » » Portuguezes	30:000						24.000
ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS:							
Banco Commercial de Lisboa	87 200	87.100	87.000				
» Lisboa e Açores	90.000						
» de Portugal	109.000						103.000
Companhia das Aguas de Lisboa:	25 %						
» do Gaz e Electricidade	27.000						
» Geral do Credito Predial	31.000	31.000		31.000			
» R. Cam. Ferro Portuguezes	16.000		17.500				
» dos Tabacos de Portugal	39.000						38.800
» R. Vinic. do N. de Portugal	89.500						

O TEMPO

ÁS 9 HORAS DA MANHÃ

Dias	Pressão	Temperatura 9 h. m.	Max.	Min.	Evapor.	Ozone	Céo	Mar	Vento
11	—	—	17,6	11,5	1,3	6.0	—	—	—
12	758,5	13,7	17,3	11,5	1.0	8,5	Encoberto	Pouco Ag.	S. E. fraco
13	758,6	13,3	15,6	1:,4	1,0	5,5	Enc. chuv.	Chão	S. fraco
14	763,5	13.8	16,1	10,0	4.0	4,7	Nub.	—	E. m. fraco
15	762,7	12,2	18,7	9,5	1,7	6,0	M. nub.	Pouco Ag.	E. N. E. mod.
16	758,1	15,2	19,7	12.8	1,9	5.8	—	Chao	E. S E. mod.
17	758,3	16,5	20,7	13,0	1,8	5,0	Enc. chov.	Pouco Ag.	N. E. m. fraco
18	761,7	16,3	—	—	—	—	M. nub.	—	S. fraco.
Méd.	760,2	14.4	19,7	9,5	1,8	5,9	—	—	—

BOLETIM OBITUARIO

SEMANA DE 5 DE FEVEREIRO A 11 DE MARÇO

Causas	1893	1888	1889	1890	1891	1892
Tuberculose pulmonar	21	18	17	19	17	11
Tuberculose outras	15	10	16	12	18	8
Lesões do coração	6	15	13	13	13	8
Apoplexia cerebral	9	19	19	12	14	8
Bronchite aguda	16	26	15	29	16	13
Pneumonia aguda	12	34	24	24	38	14
Febre typhoide	2	2	3	1	3	—
Variola	—	7	3	9	12	—
Diphteria	2	1	1	4	1	—
Cancro	7	3	4	4	7	4
Debilidade congenita	7	4	3	6	1	8
Outras causas	38	29	31	37	39	35
Total	136	168	149	170	174	109
Nascidos mortos	9	13	10	16	12	11

PRIX D'HONNEURS ET 60 MEDAILLES AUX EXPOSITIONS

Aux Fleurs de Nice

246-248, Rua Aurea—LISBONNE

M.me Louise

BOUQUETS ET PIECES MONTÉES

Guarnitures pour Bals et Soirées

EXPEDITIONS POUR TOUS PAYS

CABARET DU ROCHER

76 e 77, Rua Garrett, LISBOA

Déjeuners & Diners, a prix fixe et sur commande.
Service à la carte.
Lunch de 2 a 4 h. du soir, et a la sortie des théatres.
Soupeurs, Chauds et froids, de 10 h. du soir a 2 h. du matin.
Déjeuners, Diners, pour la ville et sur commande.
Café et chocolat au lait, Consommé chaud & froid, Sandvvich.
Glaces & Sorbets.
Sirops, Bierre, Liqueurs, Vins Fins de Dessert, etc., Champagne.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1